



Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub:



**SUPLEMENTO
ESPECIAL**



Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11

FORUM

Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

VIII

Área: 1658cm² / 50%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6622244



Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub: **JE** O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11

ESPECIAL EDUCAÇÃO & TECNOLOGIA

PANDEMIA TRAZ À TONA DIFERENÇAS NO ACESSO AOS EQUIPAMENTOS DE ENSINO

Universidades, politécnicos, centros de formação e tecnológicas mostram unanimidade na ideia de que as ferramentas digitais têm um papel essencial na nova era da teleescola e do 'e-learning'. Há quem defenda linhas de crédito para compra dos materiais.

1 - A CRISE DA COVID-19 VAI ACENTUAR A DESIGUALDADE NO ACESSO À EDUCAÇÃO? QUAL A SOLUÇÃO PARA QUE A TECNOLOGIA ESTEJA AO SERVIÇO DOS ALUNOS?



SANDRA MARTINHO
Diretora de Educação e Filantropia da Microsoft Portugal

SOLIDARIEDADE

Pelo contrário. Do meu ponto de vista, a tecnologia é um veículo para se democratizar a educação. Basta verificarmos que, hoje, em dia, com a

Internet, temos acesso ilimitado a informação e que podemos assistir a formações e eventos de entidades que estão do outro lado do planeta. A própria Microsoft disponibiliza vários programas de formação gratuitos nas suas plataformas. É certo que o acesso à tecnologia tem custos e que a pandemia provocada pela Covid-19 revelou a existência de desigualdades entre a comunidade escolar, mas, nós, Microsoft, temos-nos empenhado em dotar todas as instituições de ensino, públicas e privadas, das ferramentas necessárias para atravessarem este período de confinamento e em que o ensino à distância é a regra, com o mínimo de sobressaltos. Oferecemos o Office 365 A1 gratuitamente e disponibilizamos o Microsoft Teams sem custos, além de que temos uma equipa sempre disponível para prestar o apoio necessário às instituições. Realizamos formações, e *webinars* que contam já com mais 20 mil participantes, no último mês. Há ainda muito a fazer para reduzir desigualdades, mas também temos visto a sociedade a mobilizar-se para dotar os mais carenciados dos dispositivos informáticos necessários para tirarem proveito das novas tecnologias. Estamos naturalmente solidários com esse apoio e acreditamos verdadeiramente que a tecnologia pode ajudar todas as pessoas e organizações no planeta a irem mais além. Com estes acessos vem também a questão da responsabilidade e por isso a Microsoft faz todos os anos uma campanha de sensibilização sobre as melhores práticas na utilização da Internet de forma segura e responsável e estamos a reforçar essa mensagem junto das escolas.



MARCO COELHO
CEO da Codevision

DIREITOS DE BASE

Naturalmente, mas sobretudo no acompanhamento diferenciado que é dado a alunos de diferentes realidades socioeconómicas. A tecnologia tem sido uma resposta e uma ajuda óbvia perante esta crise que enfrentamos. A humanidade assiste a uma altura em que de forma massiva a tecnologia tem permitido manter algum do estilo de vida que vínhamos mantendo, na comunicação em geral, em alguns casos mantendo a possibilidade de trabalharmos de forma remota, na compra de bens ou manutenção de serviços essenciais. Este será cada vez mais o caminho e o setor da educação está a tirar partido da tecnologia de uma forma cada vez maior. Além das plataformas dedicadas, dos sistemas de informação para gestão da escola e da comunidade escolar, do uso massivo de Sistemas de Gestão de Aprendizagem (vulgo LMS), e de plataformas como o Teams, o Zoom, entre outras, os próprios professores



Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub: **JE** O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11

tiveram que adaptar toda a sua dinâmica para uma realidade em que os alunos estão presentes de forma remota, uma aprendizagem e um desafio que nem sempre são fáceis. Nem toda a população tem acesso facilitado a tecnologia ou à conectividade necessária nem todas as famílias dispõem de um computador em casa, e mesmo que o tenham basta pensar em agregados familiares com alunos de diferentes idades, aulas em simultâneo. A solução que o Governo encontrou, a telescola, não é suficiente para assegurar os níveis de educação necessários aos nossos alunos. Talvez esta pandemia seja a altura para refletirmos nas políticas educacionais de uma forma mais crítica e se entenda que o acesso à tecnologia e à Internet são um direito de base, tal como o acesso à eletricidade, água, entre outros.



Já representa um fator de aumento da desigualdade no acesso à educação, percebido como acesso ao conhecimento, desenvolvimento cultural e da integração social. Os jovens oriundos de famílias com rendimentos baixos - e são muitos - não têm os meios tecnológicos que permitem, aos que os têm, saltar da 'caixa do confinamento' e acompanhar o modelo de educação adotado, que, ademais, veio para ficar. Sendo importante olhar para o futuro com esperança, esta crise deve representar uma oportunidade de desenvolvimento e fortalecimento da capacidade de compreensão e utilização do digital por parte dos jovens, para ultrapassar barreiras conservadoras relativamente às

exigências de novos modelos de desenvolvimento de aprendizagens, mais próximos das suas apetências, competências e motivações. Havendo meios, os nossos jovens rapidamente tirarão partido desses meios. Urge ter uma política que permita dotar os nossos jovens, com computadores, com meios audiovisuais, para poderem participar nas redes de trabalho, sendo necessário acesso à Internet. E a dimensão das exigências de trabalho ultrapassará seguramente o ter um só computador por família. Será pois preciso um programa de apoio para atingirmos esse objetivo prioritário de robustecer o nosso parque tecnológico das famílias: i) o muito parco apoio da ação social governamental; ii) o apoio sempre limitado das instituições do ensino superior (para o ensino superior); iii) o sempre limitado apoio das administrações locais; iv) o apoio da sociedade civil, por exemplo através dos *alumni* no ensino superior; v) mas, acima de tudo, através de uma linha de crédito generosa negociada pelo Governo com a banca para acederem a verbas da ordem dos 750 euros a 1.000 euros, para adquirirem os seus equipamentos.



A Constituição indica o ensino como um direito, pelo que todos deviam ter acesso à educação de qualidade, independentemente do cenário vivido no país. Em pleno século XXI, com uma sociedade cada vez mais digital, ninguém pensava que voltássemos a ter telescola. Mas o impensável aconteceu, pelas tremendas desigualdades que temos no país, com mais de 200 mil alunos sem acesso a meios digitais. Faz sentido

que seja o Estado a providenciar ferramentas para que todos tenham acesso ao ensino, o que não tem obrigatoriamente de representar um investimento avultado do Estado. Pode, por exemplo, passar por mecânicas de empréstimo de equipamentos às famílias que o necessitarem, em parcerias com câmaras municipais ou empresas privadas, garantindo que ninguém fica para trás nesta corrida que é a aprendizagem. Daqui a umas décadas, acredito que todo este cenário vá mudar grandemente, com uma mudança drástica no paradigma da educação em que, por exemplo, teremos uma obrigatoriedade de ter um *tablet* (ou outro instrumento) por aluno em vez de livros escolares. Neste cenário, os materiais de ensino seriam criados pelos professores, que teriam um papel mais participativo nos manuais e estariam nas plataformas digitais, onde todos teriam acesso. Se fizermos umas contas, facilmente verificamos que um cenário destes, nos dias de hoje, seria economicamente neutro para as famílias, que trocariam as compras anuais de manuais por um *tablet* com os recursos criados por professores. Os alunos teriam um papel mais ativo na aprendizagem: precisariam de procurar, criar, mudar, experimentar, em vez de apenas ouvir, o que os fará também desenvolver *soft-skills* paralelas, como resolução de problemas ou criatividade. Um modelo já usado noutros países.





Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub: **JE** O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11

Não deveria. O acesso à educação é um direito fundamental que deve ser preservado em qualquer circunstância. Estou em crer que iremos assistir à intensificação da democratização digital, com disponibilização generalizada de opções tecnológicas diversas e condições de acesso para responder às várias necessidades. A crise gerada pela Covid-19 originou um conjunto de constrangimentos, contudo a sociedade em geral e as instituições de ensino em particular, "reinventaram-se" e conseguiram assegurar os serviços e dar continuidade à sua atividade. No ensino superior, e nomeadamente na FCT Nova, dado o maior nível de maturidade e literacia tecnológica, quer de alunos quer de professores, a adoção de soluções tecnológicas, porventura foi mais célere e mais fácil, e o momento, o "teste" e a evidência de que é possível, funciona e resulta. Conclui-se que a solução para colocar a tecnologia ao serviço dos alunos é a forte capacidade de mudança e a crença de que é possível fazer acontecer, envolvendo todos em torno de um objetivo comum. Outra lição que ressalta: "o sucesso da tecnologia depende sempre da convicção do homem". Não restam dúvidas que o pós-Covid 19 vai ser mais digital, o que gera novas oportunidades, estimula a inovação e melhora o "student journey". Não obstante, ainda temos um longo caminho a percorrer para alcançar uma realidade tecnológica imersiva, que exige muito investimento e empenho de todos.



Uma situação como a da Covid-19 demonstra o valor e a importância da comunicação e da livre troca de ideias, sobretudo no contexto internacional. As novas ferramentas baseadas em inteligência artificial (IA) são um poderoso instrumento para as pessoas em todo o mundo, pois podem ser facilmente colocadas à disposição de todos com acesso à internet. Além de garantir o acesso à internet, consideramos essencial que os alunos tenham as qualificações necessárias para utilizar de forma eficaz estas novas ferramentas. Muitas vezes nos perguntam se o fato de oferecermos traduções automáticas baseadas em IA de alta qualidade significa que já não é necessário aprender línguas estrangeiras. A resposta é simples: aprender idiomas continua a valer muito a pena e quem tem bom domínio de línguas estrangeiras pode tirar ainda mais proveito de um serviço como o nosso. É como o uso de calculadoras e computadores na matemática: as máquinas são eficientes, mas uma pessoa que saiba realmente como usá-las é ainda mais eficiente.



Dos mais de 300 mil alunos do ensino secundário 'confinados', cerca de 40% integram o denominado sistema dual (de dupla certificação: escolar e profissional), onde se inscreve o sistema de aprendizagem. A dupla certificação é diferente porque apresenta dois eixos que a caracterizam e valorizam: i) uma educação/formação com uma forte componente técnica, baseada na formação prática, orientada para o

saber fazer e ii) ser uma formação orientada para o mercado de trabalho, onde os alunos/formandos também realizam os seus estágios, razão pela qual, e no caso do Cenfim, lhe permite garantir uma empregabilidade superior a 90%. Estes eixos de diferenciação estão a ser fortemente penalizados neste período de suspensão da formação presencial, seja porque os estágios também estão suspensos, seja porque grande parte da formação prática não se compagina com a educação/formação à distância. Se este é um fator de desigualdade técnica, importa também referenciar o principal fator de desigualdade, neste caso o fator social, o aluno/formando. Neste domínio, as desigualdades que já são patentes na formação presencial, porque continua a ser uma opção que ainda não recolhe a dignidade que merece, acentuam-se nesta pandemia, porque sendo muitos dos alunos oriundos de famílias desfavorecidas, é importante estarmos conscientes que o acesso à internet não é uma realidade universal, seja pelos custos do próprio acesso, seja pelos custos dos equipamentos que permitam aceder à denominada educação/formação a distância. Não deixa de ser irónico que, quando a crise nos surpreendeu, os temas da atualidade eram a indústria 4.0, a IoT, fábricas autónomas, a magia do futuro, os riscos, mas também as grandes oportunidades. Ironia, porque estando os grandes investimentos orientados para esse futuro de máquinas inteligentes e autónomas, foi, contudo, pela (ausência) da mão de obra, ainda humana, que o mundo ficou suspenso. Não obstante, importa reconhecer que tem sido essa mesma tecnologia que nos permite acelerar a busca da almejada "cura". Importa continuar a conciliar as vertentes humana e tecnológica para prosseguirmos a desejada senda do progresso, mas onde o histórico equilíbrio continua a ser o melhor antídoto dos extremismos. Ainda que reconhecendo um progresso assinalável que se tem registado até aos dias de hoje, desde a revolução com a expansão do ensino superior e o abandono do sistema elitista que funcionou até aos anos 70, regista-se que apenas 40% dos jovens de 20 anos estavam matriculados no ensino superior em 2016 (CNE, 2017). Em Portugal a taxa de conclusão do ensino superior tem aumentado, no entanto está



Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub:

JE O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11



ainda entre as mais baixas nos países da OCDE. Em 2017, 34% dos jovens concluíram o ensino superior, face aos 21% registados em 2007, 10% abaixo da média da OCDE. Conforme dados do Governo, atualmente, 40% dos jovens conclui diploma pela primeira vez no ensino superior no decurso da sua vida, enquanto a média da OCDE é de 49%. O acesso equitativo ao ensino superior está formalmente garantido no nosso país, no entanto é indiscutível que existem fatores sociais que o condicionam. É, pois, imperativo que se reveja a política de ação social para o ensino superior e os instrumentos que atualmente se encontra no terreno, aumentando-se a ação social: direta (com incremento efetivo das bolsas de ensino) e a indireta (com a cedência de equipamentos informáticos e acesso à internet, da alimentação e o alojamento para os estudantes). Apesar da Lei do Orçamento de Estado do corrente ano ter apresentado uma alteração ao regulamento de atribuição de bolsas de estudo, aumentando o critério da elegibilidade, no que se prende ao cálculo do rendimento per capita do agregado familiar, tal mecanismo, é muito curto, em face do impacto que teremos nos agregados familiares dos estudantes. Unicamente pela discriminação positiva, pelo mecanismo de apoio social, é que poderemos efetivamente aumentar a qualificação dos portugueses e combater as desigualdades socioeconómicas no nosso país, que serão acentuadas de forma violenta

com os impactos do vírus SARS-CoV-2. Não o fazemos, no imediato, gizando-se soluções normativas e efetivas condições para um acesso e frequência equitativa no ensino superior no próximo ano letivo, aumentará o fosso das desigualdades, uma vez que quem tem apoios familiares será inevitavelmente beneficiado.



O aparecimento do novo coronavírus - SARS-CoV-2 - veio alterar a forma de trabalhar, estudar e socializar, obrigando muitas famílias, empresas e instituições a adaptarem-se e a reinventarem-se. Face a este paradigma, a Altice Portugal tem vindo a levar a cabo diversas iniciativas e ações de apoio a áreas estratégicas da sociedade de forma a combater da melhor forma possível esta crise. A educação é uma delas. Com um importante peso na sociedade, fundamental para o futuro das crianças, esta é uma das áreas que, nos dias de hoje, tem vindo a necessitar de um grande apoio e uma atenção redobradas, seja através da implementação de soluções de ensino inovadoras, de disponibilização de equipamentos de comunicações, de redes de última geração ou de plataformas de ensino à distância. Colocar a tecnologia ao serviço da comunidade escolar, alunos, professores e encarregados de educação, em particular junto dos mais vulneráveis, promover a igualdade de oportunidades e contribuir para a promoção do sucesso escolar são alguns dos compromissos já anteriormente assumidos pela empresa. Plataformas

de ensino à distância como a Khan Academy - uma ferramenta digital gratuita com vídeos e exercícios interativos de matemática, física, química e biologia - disponível online, no Sapo e na TV do MEO (posição 52) são hoje fundamentais. As diferentes disciplinas abrangidas pela teleescola da RTP Memória, do 1º ao 9º ano, encontram-se disponíveis na TV do MEO com a vantagem de poderem ser vistos e revistos sempre que se pretenda. Para complementar o arranque deste novo período escolar, em que as famílias ainda estão em casa, a criação de ferramentas e soluções para aprender e explorar conteúdos curriculares, fora da sala de aula é crítica. Assim, o MEO, em parceria com o Jardim Zoológico lançou uma aplicação gratuita e com conteúdos educativos para todas as idades, abrangendo a atualidade e a conservação ambiental, bem como a vida de diferentes espécies animais. A criação destas plataformas de ensino, acessível a todos, sem qualquer exclusão ou discriminação, não seria possível sem o investimento em fibra ótica da Altice Portugal no país, crucial para que a experiência digital dos dias de hoje seja uma realidade no sistema educativo de amanhã.



Cabe às instituições de ensino ou à sua tutela garantir que não se acentua a desigualdade. No ensino superior a responsabilidade é parcialmente da tutela (ação social) e das próprias instituições, pelo que importa acionar mecanismos compensadores. No que cabe à

Área: 1658cm² / 50%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6822244



Data: 30.04.2020

Título: Covid-19 vai acentuar a desigualdade no acesso à educação?

Pub: **JE** O Jornal Económico

**SUPLEMENTO
ESPECIAL**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Destaque

Pág: 1;8;10;11

tutela importa reforçar as verbas para a ação social, permitindo que um maior número de alunos tenha apoio financeiro, garantindo que podem continuar a estudar. Seria talvez importante, que nessa verba estivesse contemplado o apoio para material informático, importante no dia a dia de um estudante e indispensável perante uma pandemia que nos obriga a abandonar as escolas e a frequentar as aulas online. Da parte das instituições é obrigatório fazer formação para professores, trabalhadores não docentes e alunos nos sistemas tecnológicos à disposição. Hoje a tecnologia está disponível, sendo a principal dificuldade a ausência de familiarização com os sistemas. Importa por isso que os diversos atores tenham disponibilidade para estudarem as plataformas, para adaptarem os métodos pedagógicos e para tirarem o máximo partido da interação digital. Há muito que alertávamos para o facto de aulas estarem cada vez mais próximas do smartphone. Uma situação de emergência veio acelerar o processo. Importa no entanto que tenhamos presente que não é possível substituir grande parte do ensino presencial nem é possível educar sem a afetividade da presença física.



Penso que não há razão para que se acentuem as desigualdades. O custo das tecnologias necessárias para o

ensino à distância é uma fração muito pequena do custo de deslocação e estadia dos alunos para uma escola ou universidade fora da sua localidade. Não existe qualquer razão para acreditar que a Covid-19, e a alteração nas metodologias de ensino que poderá causar, venha a acentuar a desigualdade no acesso à educação. Pelo contrário, penso que poderá até reduzir essas desigualdades, já que muitos candidatos acabam por não frequentar o ensino superior por razões económicas, que se esbatem se forem usadas mais intensamente as tecnologias de ensino à distância. Temos, naturalmente, de garantir que nenhum aluno tem problemas de acesso de banda larga ou deficiências de equipamento que o limitem. Computadores adequados estão disponíveis por poucas centenas de euros e o acesso de banda larga também tem custos muito limitados. Nos poucos casos onde essas limitações existem, deverão ser disponibilizados aos alunos equipamento e acesso adequados, um custo que é uma fração mínima do custo do ensino presencial, que é superior a 5 mil euros por ano por aluno. Mas também é possível que a Covid-19 não venha a ter quaisquer efeitos duradouros e imediatos na forma como ensinamos. Se a epidemia vier a ficar controlada ou limitada num prazo relativamente curto, é muito possível que as alterações que forçou, tão radicais e tão rápidas, se desvançam com o tempo, à medida que a população regressa aos velhos hábitos. Pessoalmente, acho que a ideia de que a Covid-19 mudou radical e irreversivelmente a sociedade e o sistema educativo é capaz de não estar assim tão certa. As outras pandemias dos séculos XX e XXI tiveram efeitos menos duradouros do que poderíamos esperar.

Embora esta seja uma crise global que afeta toda a sociedade, não afeta todos por igual. No caso da educação, nem todas as escolas tiveram a mesma facilidade em transitar o ensino para modalidades online e nem todos os alunos conseguem aceder nas mesmas condições às aulas lecionadas a distância. As desigualdades não são



apenas entre quem tem e quem não tem acesso a um computador e à internet. Esse é um problema real mas é talvez aquele se poderá resolver mais facilmente, garantindo que as famílias têm acesso a equipamentos. Mais difícil será conseguir que as crianças e os jovens encontrem em casa um ambiente que fomente a aprendizagem e que lhes permita acompanhar as matérias e desenvolver as suas competências. Isso implica que tenham um espaço para estudar e um ambiente familiar que lhes transmita tranquilidade de modo a que se possam focar na aprendizagem. Sabemos que estas condições não existem em todas as famílias. Parece-me, por isso, que os professores terão de flexibilizar as metas que se propõem alcançar e certamente serão necessárias estratégias de recuperação quando as escolas reabrirem. No contexto universitário a situação é menos complexa pois há uma maior facilidade de acesso à tecnologia e os estudantes são mais independentes no seu estudo. Ainda assim, é necessário adequar toda a pedagogia das aulas, de modo a garantir que, a par da transmissão de informação, continua a existir uma forte componente relacional entre professores e alunos, essencial para um processo de aprendizagem eficaz.

Área: 1658cm² / 50%

Tiragem: 20.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 682244